

CONTO

Joaquina, qual o valor da sua vida?

Ana Paula Cruz

Escola Estadual Gilney de Souza (EEGS)
cientistaana.2019@gmail.com

Joaquina era uma mulher forte. Desde a sua infância, não teve outra escolha senão cultivar uma casca grossa resistente à miséria com a qual convivia. Era a irmã mais velha entre os 10 irmãos. Ela foi crucial para que todos os seus irmãozinhos tivessem a oportunidade de estudar, mesmo sacrificando um pouco de si para que isso acontecesse. A sua mãe, uma mulher igualmente forte e abandonada pelo marido, também não tinha outra escolha senão aceitar os sacrifícios da mais velha para que o restante de seus filhos tivessem uma vida mais amena.

Aos 15 anos, Joaquina começou a trabalhar vendendo picolé na rua, especialmente nas épocas que aconteciam eventos na sua cidade. Não possuía jornada de trabalho delimitada, na verdade, ela tinha mais trabalho após o trabalho, não restava escolha. Era preciso ajudar a sua mãe a sustentar o lar. Ela nem se via mais como mais uma integrante da família, mas como uma ferramenta para que os outros pudessem prosperar.

Quando completou 20 anos de idade, a irmã mais velha resolveu emancipar-se de casa e seguir a sua vida. Seus irmãos eram suficientemente grandes para ajudar em casa. Joaquina resolveu, então, casar-se com o amor de sua vida, o Geraldo, que não era muito bem-visto pela vizinhança. O jovem rapaz possuía fama de ser mulherengo e viciado em drogas, mas ele tinha prometido à sua amada que a vida a dois seria bem mais diferente e tudo mudaria para melhor.

Entretanto, as promessas do Geraldo não chegaram a se concretizar, pois a mudança não veio. Na verdade, a vida ficou ainda mais difícil para a Joaquina que agora, sozinha, cuidava de uma casa, de seu trabalho como faxineira e gerava um filho em seu ventre. Nesse contexto, o seu marido, alheio às responsabilidades, não tinha condições para auxiliar na manutenção da renda familiar. A vida acabou se deteriorando um pouco para a jovem mãe.

Felizmente, a vida pareceu amenizar quando o seu filho nasceu. Foi uma luz que surgiu em meio às turbulências de uma vida sem sossego e sem pontas de esperanças. A vida materna encheu-a de um amor que nunca teve antes, era um sentimento diferenciado e repleto de satisfação. No entanto, o seu filho nasceu com complicações de saúde, e sem condições financeiras de tratá-lo, nos meses seguintes, viu aquela criança deteriorar-se até a terra cobri-lo com o seu manto. O único presente que a vida havia lhe dado foi retirado de seus braços como um bezerro é retirado da sua mãe para o abate.

A sua vida prosseguiu, não porque queria viver, mas porque havia se desumanizado e vivia no automático, caminhando um dia após o outro sem sentir o gosto azedo da realidade. Em um dia qualquer, ao olhar-se de frente para o espelho do banheiro que limpava, viu uma mulher deteriorada pelas marcas do tempo e estúpida por ter subtraído a sua felicidade. Não possuía nem um pouco de amor-próprio nem orgulho; via-se como uma mulher sem nenhuma projeção de futuro, na verdade, não se via nem



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL9882-JLJL

Recebido

12 de dezembro de 2025

Aprovado

22 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Renata Helena Lins
de Castro Dourado

Lury Morais

como um ser humano digno de respeito ou afeto. Sem mais conseguir conter a sua dor reprimida, as lágrimas desceram em seu rosto com um gosto salgado, como um lembrete dos sacrifícios que fez pelos seus irmãos, trocando os seus próprios sonhos pelos deles. Acreditava que tinha sido uma idiota por escolher viver com um homem tão hostil como o Geraldo. Perguntava-se qual o valor que ela atribuía a sua própria vida, já que não possuía nada, nem material nem afetivo.

Os pensamentos autodepreciativos continuaram a dançar em sua cabeça dia após dia, e exausta, no fim de mais uma jornada de trabalho, decidiu que iria de encontro a ponte que ligava os dois extremos da cidade em que vivia. Ao chegar lá, silenciosamente, escutou o vento, tão sombrio quanto os seus pensamentos; olhou as estrelas que pareciam estar manchadas na visão de seus olhos míopes. Respirou profundamente, olhou mais uma vez o céu, e concluiu que não havia mais tempo; o ponteiro do relógio de sua vida precisava parar e dar fim ao seu ciclo circadiano.

Pulou graciosamente da ponte onde, alguns minutos atrás, contemplava as estrelas. Desceu ao encontro do leito do rio com um sorriso no rosto, pois sabia que ali era o seu último momento naquela vida miserável. Despediu-se feliz, imaginando que nunca mais sofreria com a falta, que tanto a acompanhou em vida.

Quando os policiais chegaram ao local onde se encontrava o corpo boiando, depararam-se com moedas de dez centavos em seus bolsos. Junto a essas moedas havia um papel enrolado que dizia: *este é o valor da minha vida*.